

O TRANSTORNO DEPRESSIVO NA VISÃO DASEINSANALÍTICA: UMA REFLEXÃO TEÓRICO/CRÍTICA

THE DEPRESSIVE DISORDER IN DASAINSANALITIC VISION: A THEORIC REFLECTION/CRITICISM

Cristiano de Jesus Andrade¹

Carlos de Sousa Filho²

Resumo

Este estudo teve por objetivo descrever as influências do pensamento daseinsanalítico a respeito do fenômeno do transtorno depressivo. Buscou discutir o modo como este pensamento pode auxiliar em sua compreensão. Esta discussão foi realizada a partir de uma pesquisa bibliográfica, que teve o intuito de embasar o objeto de estudo, contribuindo com elementos que auxiliassem a análise dos dados obtidos. Tal método consistiu na coleta de dados, a partir da seleção do material relacionado ao tema proposto e na análise de dados, que foi fundamentada pela leitura de sete textos. A partir de tal análise, foi possível estabelecer um paralelo entre as definições propostas pela psicopatologia tradicional e pela psicopatologia daseinsanalítica. Os principais resultados apontam que, sob essa perspectiva, o fenômeno depressivo pode ser entendido como uma manifestação própria de estar-no-mundo de cada ser e de como esse existente se relaciona com seus aspectos de corporeidade, temporalidade e espacialidade.

Palavras-chave: Fenômeno depressivo; Daseinsanálise; Pesquisa bibliográfica.

¹ Graduado em Psicologia pelo UNIFAE. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde, da Escola de Ciências da Saúde, na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Doutorando no pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde, da Escola de Ciências da Saúde, na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Atualmente é psicólogo da prefeitura municipal de Poços de Caldas/MG

² Graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Campus Poços de Caldas (2016). Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Campus Belo Horizonte (2019). Doutorando no pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde, da Escola de Ciências da Saúde, na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professor no Curso de Psicologia na Faculdade de São Lourenço (UNISEPE).

Abstract

This study aimed to describe the influences of daseinsanalytic thought about the depressive disorder phenomenon. It attempted to discuss how this thinking can help in its understanding. This discussion is based on a literature search, which was intended to base the study object, contributing with elements that could help on the data analysis. This method consisted on data collection, from the material related to the proposed theme selection and data analysis, it was possible to establish a parallel between the definitions proposed by the traditional psychopathology and the daseinsanalytic psychopathology. From this perspective, the main results indicate that the depressive phenomenon can be understood as being-in-world manifestation and how this being relates to corporeity, temporality and spatiality aspects.

Key-words: Depressive disorder; Daseinsanalysis; Literature search.

1 Introdução

A depressão é um fenômeno muito estudado ao longo da história da psicopatologia e vista a partir de muitas perspectivas científicas. Desta maneira, o transtorno depressivo como é reconhecido pelo DSM-V (2014), será explanado a partir da Psicopatologia Positivista e a Proposta Fenomenológica-Existencial. Nesse sentido, a problemática será contextualizada, tendo como base os pensamentos dos filósofos pertencentes a filosofia Daseinanalítica.

Segundo Canguilhem (2011) a perspectiva positivista critica a visão de que o patológico seria uma variação quantitativa do normal, visto que há uma infinidade de possibilidades fisiológicas e contextuais no processo da vida. Assim, estabelecer uma norma para que se possa afirmar a existência de saúde ou doença transforma esta conceituação em um tipo de ideal. Entretanto, isso implica em um ideal que nunca é alcançado, principalmente quando o indivíduo é visto em relação ao seu contexto e às características únicas de sua totalidade.

O autor ainda questiona a visão de que doença pode ser apenas uma realidade objetiva – alheia ao processo de vida do sujeito – acessível ao conhecimento científico quantitativo, e ainda afirma, em oposição a esta visão, que a continuidade de estágios intermediários não anula a diversidade dos extremos. Propõe que o estado patológico não é a ausência de uma norma, pois não existe vida sem normas de vida, e o estado patológico também é uma forma de se viver. O que é patológico então é uma diretriz que não aceita nenhuma alteração ao que se espera sob uma ótica generalizante. Deste modo, o doente o é por não ser capaz de ser normativo. A saúde seria, portanto, mais do que ser normal, seria ser capaz de estar adaptado às exigências do meio, de criar e seguir novas normas de vida, já que a normalidade se pauta por viver em um meio no qual flutuações e novos acontecimentos são possíveis. A saúde pode ser concebida como um sentimento de segurança na vida, na qual o ser, por si mesmo, não se impõe nenhum limite.

Tais padrões de normalidade e de compreensão acerca do que destoa são amplamente tratados no campo da Psicopatologia. O etimologicamente o termo psicopatologia tem origem nas palavras gregas, *psiquê*, *pathos* e *logos*, que pode indicar o estudo das paixões da alma (SIQUEIRA; JESUS; OLIVEIRA, 2008). Ela trata das paixões, dos afetos, das emoções e de um sofrimento, de algo que aflige e destoa. Outros autores também apontam que o termo “psicopatologia” refere-se atualmente a uma grande encruzilhada epistemológica na qual se entrecruzam múltiplas disciplinas clínicas, que têm em comum a preocupação com o sofrimento psíquico (FÉDIDA; WIDLÖCHER apud PEREIRA, 1998). A maneira específica como cada uma delas define um “objeto psicopatológico” e os procedimentos de pesquisas correspondentes variam de forma contundente, colocando assim o problema das condições de possibilidade para o diálogo Inter científico e para a

confrontação crítica: a proposta atualmente hegemônica, no que diz respeito às tentativas de se superar os impasses decorrentes da diversidade de disciplinas neste campo é a que estipula uma definição empírico-pragmática da psicopatologia. Segundo o DSM-V (2014), a tarefa mais urgente da psicopatologia é obter um acordo mínimo quanto à definição das categorias diagnósticas, de modo que haja uma concordância entre as diversas disciplinas, pelo menos no plano da descrição.

Pereira (1998) afirma que, os diagnósticos são apenas determinações possíveis, assim sendo, busca-se o ideal de um acordo mínimo com relação à delimitação formal e funcional das categorias diagnósticas empregadas. Tal delimitação deve estar fundada em critérios empíricos definidos com minúcia, universalmente validados e apresentados de tal forma que não deixem margens a ambiguidades. É assim que o DSM-V (2014), bem como as demais classificações operacionais de transtornos mentais propõem critérios explícitos, tanto para a inclusão de uma determinada constelação de sintomas clínicos em uma de suas categorias diagnósticas, como para sua exclusão. Tal forma de abordagem do objeto psicopatológico tem proporcionado progressos indiscutíveis em certos campos de pesquisa, principalmente naqueles que se baseiam em uma abordagem empírico-experimental, como as neurociências em geral, ciências notadamente positivistas. Por outro lado, ela tem-se mostrado ineficaz, ou até mesmo nociva, para as disciplinas que não se adaptam ao modelo das ciências naturais. Tal é o caso da análise existencial. Considerando-se que a abordagem empírico-operacional em psicopatologia tornou-se uma espécie de versão imperativa no plano cultural para a aceitabilidade de uma disciplina nesse campo, acabou por deixar à margem certos discursos de grande importância nesse debate. Surge assim, de forma imprescindível, a necessidade de uma disciplina que contribua para a redefinição do campo psicopatológico, que distinga seu plano pragmático do plano fundamental e se interesse pelo estudo dos modelos e paradigmas de cada disciplina. Além disso, faz-se necessário que sejam redefinidos novos objetos de pesquisa que levem em conta a dinâmica dos novos conhecimentos produzidos em psicopatologia e certas dimensões fundamentais da experiência do sofrimento mental, tais como a da subjetividade e a implicação existencial do sintoma (PEREIRA, 1998).

Nesta linha de raciocínio a psicopatologia, é intersubjetiva e se constitui na relação com o outro (TENÓRIO, 2003). Desse ponto de vista, o existente, durante boa parte da infância, esteve subordinado à autoridade, ao domínio dos agentes socializadores: pais, parentes, educadores e programadores coletivos (mídia). Para que se dê um saudável desenvolvimento e a constituição de sua individualidade, é mister que aconteça uma progressiva superação dessa primazia do outro, tarefa que implica um processo de autoconhecimento e constante questionamento sobre si mesmo e o mundo no qual se encontra inserido. É por isso que, nessa perspectiva, o aspecto relacional do existente assume um papel determinante na constituição de um desenvolvimento saudável ou

patológico.

Um novo enfoque surge no século XX, com a publicação da “Psicopatologia Geral” de Karl Jaspers (1979) primeira tentativa de se dar uma base teórica à psicopatologia. Segundo Holanda (2014), já na introdução de seu livro o autor situa seu projeto, ao afirmar que o objeto da psicopatologia deve ser o fenômeno psíquico realmente consciente. O próprio Jaspers (1987 apud HOLANDA, 2014, p. 133) assim define a tarefa da fenomenologia:

À fenomenologia compete apresentar de maneira viva, analisar em suas relações de parentesco, delimitar, distinguir da forma mais precisa possível e designar com termos fixos os estados psíquicos que os pacientes realmente vivenciam (...). Nisso nos servem de ajuda, sobretudo, as descrições próprias dos pacientes.

O eixo da Psicopatologia de Jaspers focaliza nas manifestações da consciência, tentando descrever da forma mais precisa possível aquilo que o sujeito realmente vivencia, em seu estado mental, enquanto dado imediato da consciência (PEREIRA, 2000). Ela busca captar o psíquico tal como ele é, evitando metodologicamente toda a influência das teorias sobre possíveis leis e mecanismos que ordenariam o psiquismo. Busca-se o contato mais direto com a *coisa mesma* do sofrimento mental. Isso só é possível a partir do psiquismo do próprio psicopatologista, quando esse se expõe exposto a um contato profundo e aberto ao sofrimento do outro. A psicopatologia procura apreender a *Erlebnis* patológica do paciente psíquico. Na tradição fenomenológica, a *Erlebnis* constitui a incorporação do observador no objeto considerado. Nesse momento, ocorreria uma tomada direta de consciência ou, pelo menos, uma visão privilegiada, de natureza intuitiva, da essência em questão. O tipo de generalidade decorrente de tal procedimento é nomeado por Edmund Husserl, iniciador da fenomenologia, de *intuição categorial*, de modo que as essências, assim apreendidas pela exposição ao fenômeno, podem ser descritas e organizadas em gêneros e espécies que não têm, eles mesmos, qualquer existência real, pois se referem a estados da consciência, mas que podem ser pensados em sua generalidade transcendental.

Segundo Rodrigues (2005) a fenomenologia jasperiana é, de fato, inclusive segundo palavras do próprio Jaspers, uma “psicologia descritiva”. Mas a etapa descritiva seria apenas a inicial e para ancoragem, para possibilitar a apreensão do fenômeno subjetivo. A fenomenologia de Jaspers transita entre a psicologia subjetiva, que busca o entendimento psicológico em si mesmo e como é vivido, mas que não é tangível ou externamente observável de maneira imediata, e uma psicologia objetiva que, embora se ofereça a métodos próprios das ciências naturais, não nos ensina nada sobre o psiquismo e como a ele nos referimos nas relações intersubjetivas. Garantir a conexão

entre os fenômenos psicológicos e referentes externos que pudessem validar a presença em diferentes situações seria, para Jaspers, o modo de possibilitar o exame científico das relações compreensivas entre aqueles fenômenos que não se deixam observar pela terceira pessoa. Assim, a fenomenologia surge, para ele, como um método enviesado para responder às necessidades de cientificidade para a psicopatologia e, ao mesmo tempo, atender ao imperativo de não exclusão ao verdadeiro objeto de estudo destas disciplinas: a experiência subjetiva.

Por fim, cabe ressaltar que o notável papel de Jaspers e de suas ideias para a psicopatologia e psiquiatria, muitas vezes é tomado como critério de inviolabilidade à autoridade de seus escritos. Entretanto, não apenas o método fenomenológico, do modo que concebeu, não é livre de tensões internas, como também não se pode dizer que a psicopatologia que nos legou está concluída e plenamente de acordo com o modelo que sugeriu.

Na esteira desse pensamento, faz-se necessário abordar alguns aspectos do pensamento de Ludwig Binswanger. Para Giovanetti (1989), encontrar um caminho novo para a Psiquiatria de sua época, tal era a tarefa proposta por Binswanger. Foi por esse motivo que dedicou uma grande parte de seu tempo ao estudo da Filosofia. Ele pensava a Psiquiatria de sua época como uma ciência que se encontrava diante de três vias, as quais não poderiam dar-lhe um estatuto científico. Três caminhos pelos quais se chegava a unidades que mereciam o nome de “unidades de doença”. O primeiro caminho seguia o método naturalista: a essência da doença era apreendida no momento em que se detectassem as manifestações anormais, de tal sorte que elas expunham um processo biológico determinado, no qual se conseguia perceber o começo, o desenvolvimento e o fim. Dentro dessa perspectiva, as doenças mentais eram doenças do cérebro.

O segundo caminho era aquele que utilizava a explicação psicobiológica: a essência da doença residiria na predisposição do organismo psíquico, predisposição que até àquela época não havia sido ainda elucidada. Dessa maneira, a essência da doença era concebida como alguma coisa que estava fora da personalidade: era a perspectiva da síndrome.

A terceira via era a tentativa de explicar a doença a partir de transformações primárias da personalidade, isto é, o modo pelo qual a personalidade elaborava psicologicamente certas experiências vividas no seu percurso histórico. Aqui reinava o modo de observação puramente psicológico. Esse tipo de abordagem construía uma infra-estrutura conceptual a partir da qual se poderiam explicar todas as ações da pessoa. Todavia, para Binswanger, esse caminho era também um caminho do exterior, como os dois outros, que buscavam compreender a dimensão psicopatológica do homem como alguma coisa que vem do exterior ao organismo, sendo o psiquismo normal. Para Binswanger, essa perspectiva não capta a essência da doença (GIOVANETTI, 1989).

Segundo Bucher (1989, p. 29-30), Binswanger se expressa da seguinte maneira, ao falar das razões que o levaram a desenvolver o método de investigação psiquiátrico-fenomenológico da *daseinsanálise*:

A nova direção de investigação na psiquiatria nasceu da insatisfação para com os arcabouços científicos elaborados até hoje na psiquiatria[...] É conhecido que a psiquiatria e a fenomenologia, enquanto ciência, tratam “do homem”, não em primeiro lugar do homem mentalmente enfermo, mas do homem em si. A nova compreensão do ser humano que devemos à *Daseinsanalytik* de Heidegger se baseia numa apreensão do homem não a partir de uma teoria qualquer – quer de modo mecanicista, biológico ou psicológico – mas a partir da revelação puramente fenomenológica da estrutura global ou da ordenação global do Dasein enquanto ser-no-mundo.

Segundo Carvalho (2011), a influência de Edmund Husserl e Martin Heidegger na obra de Binswanger é notória: O primeiro permitiu-lhe o embasamento de seus pensamentos através da distinção da percepção objetiva – percepção da “investigação reflexiva”; da categorial – percepção tal como acontece na vida de todos os dias. Neste sentido, as alegações de Binswanger se resumem ao fato de que o fenomenologista não pode conduzir o seu olhar “para dentro”, mas “para fora”. Enquanto que o segundo contribuiu com a sua concepção existencial do Dasein, ou seja, o homem seria um ser lançado na existência. Na assimilação que Binswanger fez das ideias heideggerianas para aplicá-las à sua *Daseinsanalyse* no campo da psicopatologia, o uso do caminho fenomenológico tem como objetivo compreender as condições particulares de existência de uma pessoa única: a base ontológica e existencial da psicoterapia nesta estrutura do ser-homem-enquanto-ser-no-mundo.

Medard Boss (1903-1990), médico psiquiatra também suíço, foi o responsável pelos seminários conduzidos por Heidegger em Zollikon de 1959 a 1969, editados no livro *Seminários de Zollikon, Fundamentos da Daseinsanalyse*, e presidente da Associação Internacional de *Daseinsanálise*, fundada em 1971, em Zurique. A convite do médico e psicoterapeuta Sólón Spanoudis, Medard Boss participou, a partir de 1973, de alguns seminários em São Paulo, fundamentais para a introdução da *Daseinsanálise* no Brasil (MATTAR; SÁ, 2008).

Embora Boss e Binswanger estejam de acordo no que se refere aos princípios centrais da assim chamada *Daseinsanalyse Psiquiátrica*, Boss permaneceu mais perto das ideias originais de Heidegger. Enquanto Binswanger se utiliza dos conceitos heideggerianos de *Umwelt*, *Mitwelt* e *Eigenwelt*, Boss prefere os existenciais de Heidegger. Assim, ele se interessou, por exemplo, em saber como as pessoas viviam o corpo, o espaço e o tempo para além do tempo cronológico, por exemplo. Concorda com Binswanger no que se refere à importância de

nossas relações com os outros e entende que não somos indivíduos trancados em nossos corpos, mas vivemos em um mundo compartilhado, "iluminando" uns aos outros (MATTAR; SÁ, 2008).

Para Mattar e Sá (2008), o interesse de Boss pelo pensamento de Heidegger era eminentemente clínico. Acreditava que as considerações filosóficas da Analítica do *Dasein* poderiam ser úteis para a psicoterapia, tendo em vista que adoecer é uma constituição fundamental, comum a todos os homens. De acordo com Feijoo (2011) a partir de Binswanger a daseinanálise se apresenta como uma corrente teórica para a psicologia e a psiquiatria, que se relaciona de grande maneira com as construções filosóficas de Heidegger. Assim a Daseinanálise também pode ser compreendida como uma nova maneira de se referir a Análise Existencial. Nessa perspectiva essa abordagem se apresenta como uma possibilidade de interpretação ôntica, em outras palavras, de uma interpretação da existência do *dasein* em sua dimensão factual.

Ainda segundo Mattar e Sá (2008), a abordagem analítica não pretende uma desintegração do fenômeno e, portanto, não o divide, pois sua divisão faria o analista perder de vista o fenômeno como um todo, que deixaria de ser, metodologicamente, fenomenológico. Esta abordagem busca o caráter originário do fenômeno, sua unidade ontológica originária, os caracteres existenciais que constituem seu ser geral: temporalidade, espacialidade, corporeidade, cuidado, angústia, disposição ou humor e ser-para-a-morte. A finalidade analítica é, pois, evidenciar a unidade original da função da capacidade de compreensão. Em consequente, analítica tem a tarefa de mostrar o todo de uma unidade de condições ontológicas. Como analítica ontológica não é um decompor em elementos, mas a articulação de uma unidade, uma estrutura.

Conquanto Boss seja considerado o autor que se manteve bem mais próximo da proposta heideggeriana, de acordo com alguns autores também confundiu o ôntico e o ontológico, tal como Heidegger identificara em Binswanger. Daí decorre uma suspeita: a de que Boss, assim como Binswanger, não soube dar à sua daseinsanálise o caráter de ciência factual, ôntica, em contraposição à analítica existencial de Heidegger, de natureza ontológica (MATTAR; SÁ, 2008).

De acordo com Carvalho (2011), a compreensão, enquanto modo de ser, amplia a manifestação do ser de possibilidades do *Dasein*, na medida em que possibilita a abertura para a atribuição de inúmeros significados ao seu existir. Entende-se por abertura tudo o que nomeia o *Dasein* como ser-no-mundo ou que está por ele acometido. Assim, está vinculado à temporalidade, à espacialidade e à historicidade, as quais exprimem o modo de ser do *Dasein* enquanto abertura.

Heidegger (2014), define *temporalidade* como sendo o aspecto em que o *Dasein* é arremessado ao mundo como um ser-para-a-morte, sujeitando-se ao tempo (passado, presente, futuro), ao qual emprega sentidos e significados. A *espacialidade* refere-se à analogia de que o *Dasein* se constitui com o mundo, por meio do aproximar-se ou afastar-se de pessoas e objetos,

enquanto que a *historicidade* reporta-se à movimentação das relações sociais, bem como à temporalidade. Neste sentido, o ser possui consciência de que obtêm de outras gerações diferentes visões de mundo e vivencia a limitação de sua própria morte.

Porém, apesar do *Dasein* ser abertura, Sá (2012), acredita que este possa tentar, de início e na maior parte das vezes, partir do fechamento. Ao se partir do ponto de vista heideggeriano, entende-se por fechamento o fato do *Dasein* fugir de si, esquecendo-se do seu ser próprio e relacionando-se com ele como algo que já possui uma configuração preestabelecida. Em outras palavras, o *Dasein*, ao velar o fenômeno, gera uma sombra que oculta e distorce o desvelamento das possibilidades de sentido de si mesmo e dos entes que lhe vêm ao encontro no mundo.

Segundo Sapienza (2013, p. 37), o existente é “aquele ente, cujo caráter essencial é o ‘cuidado’ (*Sorge*) pelo ser em geral e pelo seu próprio ser”. No referencial heideggeriano ser é sempre doação a *Dasein*, e precisa de *Dasein* como destinatário de sua doação. Embora ao se empregar o termo *Dasein* a referência seja o ser humano, esse termo permanece para indicar que esse existente se distingue exatamente por seu caráter de ser-aí: “aí” no “mundo”, e o “aí” do ser.

Heidegger (2014) dedica, em *Ser e Tempo*, um esforço considerável ao objetivo de desfazer a concepção arraigada de que a vida humana, incluindo a saúde e as suas patologias, possam ser concebidas como uma cadeia de atos psíquicos: "A ordem na sequência das vivências que transcorrem não fornece a estrutura fenomenal do existir" (HEIDEGGER, 2014, p. 106). A vida humana não consiste em uma "corrente de vivências no tempo", mas num acontecer no mundo. A conexão interna da existência humana não é causal e sim histórica, mais precisamente acontecencial, no sentido específico explicitado, por Heidegger, na segunda parte de *Ser e Tempo*. Por conseguinte, as lacunas no existir humano não são causais e sim acontecenciais, elas não são causadas, mas ocasionadas e, nesse sentido, motivadas por distúrbios da continuidade do "estendimento" do existir humano entre o nascimento e a morte. Se a nossa ocupação com as coisas fosse uma continuidade das vivências que se desenrolam no decorrer do tempo, então, mesmo considerando uma linearidade de acontecimentos, se deparar com o instrumento que não se utiliza é ontologicamente inviável. Um distúrbio do nosso modo concreto de ser-no-mundo, que decorre da quebra ou da falta de um instrumento, não é, nem pode ser vivido como uma lacuna na cadeia de nossas vivências (atos psíquicos representacionais, carregados afetivamente). O que é perturbado e o que quebra, nesse caso, é o nosso existir, não a nossa representação do nosso existir.

Ainda, conforme Loparick (2001), para a fenomenologia, qualquer doença psíquica é uma privação, resultante de um distúrbio. Mas é preciso entender bem de que privação e de que perturbação se trata. Não se trata da privação de uma propriedade objetiva do mundo, por exemplo, da continuidade do mundo (HEIDEGGER, 2014), nem de uma perturbação das relações temporais

ou causais entre os atos psíquicos. Trata-se da privação da "adaptação" e da "liberdade", decorrente de uma perturbação da relação existencial-ôntica com o mundo. Essa relação pode ser perturbada de várias maneiras, por exemplo, pelo distúrbio da conexão instrumental, devido à quebra ou à falta de certas coisas. Ou então, visto que o ser humano é essencialmente necessitado de ajuda, pela perda do amparo materno. Nesse último caso, o ser-no-mundo não fica modificado em virtude de um modo específico do ser-junto-das-coisas, mas pelo fato de o modo, determinado e concreto, do seu ser-com-outros sofrer danos. Como o ser-no-mundo é sempre também um ser-si-mesmo, pois os dois se formam juntos, toda perturbação da relação com o mundo implica a perturbação do si-mesmo, da ipseidade ou da si-mesmidade. Essa perturbação, por sua vez, consiste na ameaça ou mesmo na quebra da estabilidade, que implica, em última análise, a quebra da "continuidade da acontecencialidade" (LOPARIC, 2001, p. 134).

A partir do exposto, mostra-se relevante discutir, com base na literatura que aborda o fenômeno depressivo desta perspectiva, quais são as contribuições deste modo de pensar a psicopatologia, para a compreensão deste quadro – transtorno depressivo – considerado como uma patologia. Para tanto esta pesquisa buscou, descrever as influências do pensamento daseinsanalítico sobre o transtorno da depressão a partir das produções bibliográficas. Em outras palavras, o estudo objetivou discutir, como a perspectiva daseinsanalítica pode lançar luz acerca da problemática da depressão.

2 Método

Para a realização deste trabalho, foi utilizada a pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2017), configura-se como um procedimento metodológico que se oferece ao pesquisador como uma possibilidade na busca de soluções para seu problema de pesquisa. Para tanto, parte da necessidade de exposição do método científico escolhido pelo pesquisador; expõe as formas de construção do desenho metodológico e a escolha dos procedimentos e demonstra como se configura a apresentação e análise dos dados obtidos.

Conforme o autor na pesquisa bibliográfica há uma escolha do tema a ser pesquisado, levantamento bibliográfico preliminar que consistiu em uma primeira busca na literatura científica acerca da temática. Realizada a busca, foi delineado o problema de pesquisa e o plano provisório do assunto, esquematizando as vias que foram abordadas dentro da temática central.

2.1 Instrumentos

Os instrumentos utilizados nesse trabalho constituíram-se de artigos e capítulos de livros relacionados ao tema proposto.

2.2 Procedimento de Coleta de Dados

Os textos foram selecionados por meio de buscas nas bases digitais Scielo, Pepsic e Bireme, a partir dos descritores: depressão, daseinsanálise e psicologia fenomenológica-existencial. Além disso, foi realizada uma procura em livros pertinentes à área em questão. Com base na leitura dos títulos e resumos, os textos foram selecionados.

2.3 Procedimento de Análise de Dados

Os textos utilizados para a Discussão foram analisados com base nos passos propostos por Gil (2017). Para construir essa etapa, partiu-se da caracterização do objeto de estudo, usando as publicações que, classificadas como lentes, não foram utilizadas na ilustração dos conceitos dados, no momento da análise explicativa das soluções, mas que trazem elementos de análises importantes para a compreensão do objeto de estudo proposto. Tal caracterização do objeto aconteceu por meio de um fichamento do que era mais pertinente em relação ao problema de pesquisa. A partir desse fichamento, buscou-se organizar logicamente o assunto para a redação do texto. Vale ressaltar que, essas publicações, juntamente com o referencial teórico construído para o estudo, compõem a base de sustentação da reflexão que o pesquisador deve apresentar.

Para a etapa de análise, foram utilizados sete textos, conforme Quadro 1, a partir dos quais foi elaborada a discussão e as considerações finais, tendo em vista as convergências dos pensamentos dos autores. É necessário dizer que não foram encontradas divergências entre os textos, salvo maneiras diferentes de modos de expressão de cada um.

Quadro 1: Textos representativos da depressão na perspectiva fenomenológica

Texto	Tipo	Título	Autor
1	Artigo	Fenomenologia da Queixa Depressiva em Adolescentes: um estudo crítico cultural	MELO, A. K. S.; MOREIRA, V., 2008.
2	Artigo	Visitando os Seminários de Zollikon: novos fundamentos para a psicoterapia fenomenológica	SODELLI, M.; TEODORO, A. S., 2011.

3	Artigo	A Clínica da Depressão: questões atuais	BERLINCK, T.; FÉDIDA, P., 2000.
4	Capítulo	Introducción Clínica a La Fenomenología Psiquiátrica y al Análisis Existencial	ELLENBERGER, H, F.,1977.
5	Capítulo	Fenomenologia da Depressão	TATOSSIAN, A., 2012a.
6	Capítulo	Depressão, Vivido Depressivo e Orientação Terapêutica.	TATOSSIAN, A., 2012b.
7	Capítulo	A Contribuição de Tellenbach e Tatossian para uma Compreensão Fenomenológica da Depressão.	LEITE, E.; MOREIRA, V., 2009/2012.

Fonte: A própria pesquisa.

3 O fenômeno depressivo em discussão

A leitura dos textos possibilitou delimitar aproximações e distanciamentos em relação à maneira como o fenômeno depressivo pode ser compreendido por parte da *daseins* análise. As aproximações apontam para a maneira de *ser-no-mundo*, própria de cada ser, e as percepções dos existentes do modo como vivem sua corporeidade, espacialidade e temporalidade, conceitos que embasam a filosofia *daseins*analítica.

Em relação ao primeiro aspecto, nomeado aqui de maneira de *ser-no-mundo*, três textos, os de números 1, 3 e 6, concordam que o fenômeno depressivo deve sua disseminação cada vez mais crescente à ideologia dos tempos modernos, que se pauta pela hegemonia do ‘ter’ em detrimento do ‘ser’, própria das sociedades capitalistas. Também a cultura vigente de que “tudo pode ser resolvido com uma pílula”, somada à idealização de um mundo onde o ambiente deve ser perfeitamente controlável, sem catástrofes, tais fatores podem ser vistos, pelo profissional *daseins*analítico, como desencadeadores do fenômeno depressivo. É uma cultura em que não se pode perder tempo, onde as tradições são esquecidas, os rituais já não existem, que não permite ao *Dasein* a consciência de todas as suas possibilidades, pois que não há tempo para contemplações e um voltar-se para si.

Nos tempos atuais, com a modernização da sociedade brasileira, as pessoas migraram do interior para as zonas urbanas. Este fato levou a um aumento da busca de emprego, habitação, educação e saúde. Neste novo cenário, as relações afetivas foram sendo deterioradas, pois a luta pela sobrevivência tornou-se questão crucial para o sujeito, não havendo mais espaço para ritos, como sentar nas calçadas para a conversa de fim de tarde com os vizinhos, que, antes, existiam e que eram importantes para a subjetivação (BARRETO 1993 apud MELO; MOREIRA, 2008, p. 55).

A esse respeito, Scliar (2003) afirma que, atualmente, o homem se perde no crescimento dos

espaços urbanos; com a supremacia do capitalismo ocorreu o desmoronamento da antiga forma de viver, com todos os seus rituais, para surgir uma nova maneira: antes o cotidiano não era tão atravessado pela tecnologia e pela rapidez do tempo como agora em que as relações são quase sempre virtuais e efêmeras. O autor sustenta que a destruição nunca acontece sem a culpa, e com a culpa vem a depressão. Assim, a depressão passou a ser uma nova maneira de *estar-no-mundo*. Pode-se presumir que há uma suscetibilidade do homem moderno à depressão, devido a este novo modo de estar no mundo, isto é, existe uma relação entre depressão psíquica com a depressão econômica e social.

Este autor ilustra a discussão com o exemplo de um outro momento histórico, a grande depressão norte-americana, quando os trabalhadores viveram um período de grande temor, de falta de emprego e de fome. Depressão era, então, sinônimo de pobreza, no sentido econômico. Scliar (2003) ainda pontua que estas duas concepções de depressão, a psíquica e a econômica, referem-se a uma carência e a um sentimento de perda e de falta de adequação para alcançar objetivos. Para ele, no sistema econômico capitalista, prega-se um modo de vida maníaco, que seria supostamente menos doloroso e mais rentável. A mania tem uma figura melhor do que a depressão, pois se refere à agilidade, à produtividade e à aceleração necessárias para este novo modo de viver.

O texto 3, de Berlinck e Fédida (2000), relata que, apesar da extensa e rica tradição de estudos sobre a melancolia, o assunto é retomado, nos tempos atuais. De fato, a psiquiatria alemã nunca estabeleceu uma diferença entre melancolia e depressão, tratando as duas sem distinção. Pensar a depressão como luto talvez seja o caminho mais claro e preciso para se pensar a melancolia como afecção psíquica específica. Neste contexto, a depressão tem sido objeto constante de estudo da psiquiatria, na medida em que essa se empenha na investigação da melancolia, sendo, assim, apressado afirmar tratar-se de manifestação psicopatológica da contemporaneidade, mesmo se reconhecendo, atualmente, uma verdadeira epidemia dessa doença. Atualmente, a chamada melancolia passa a ser denominada depressão, guardando uma indistinção reveladora de grandes dificuldades em se estabelecer diferenças específicas entre essas manifestações.

Ainda no texto 3, de Berlinck e Fédida (2000), a psiquiatria contemporânea deixou de lado a melancolia e deu importância à depressão. Não é suficiente afirmar que esta dissolução se deveu, principalmente, à disseminação de antidepressivos. A crescente produção dessas drogas responde a uma demanda que vem se acelerando a partir dos anos 70 do século XX. A depressão é, hoje, uma doença que assola os países ocidentais mais ricos e onera não só os sistemas de saúde como a operosidade do trabalho. Por outro lado, os antidepressivos, como o nome indica, são muito eficientes no tratamento da depressão, mas não são anti-melancólicos. É a partir da crescente onda do consumo de antidepressivos, por clientes que estão em tratamento psicoterapêutico, que se

observa uma clara diferença entre depressão e melancolia. Estes pacientes, invariavelmente, saem da depressão, mas permanecem com sintomas melancólicos. Pode-se concluir, desse modo, que há depressão na melancolia. A depressão só adquire crescente importância à medida que as exigências do mundo de hoje são a atividade, a eficiência técnica e pragmática, a produção material e o consumo, a ausência de um constante retorno da tradição naquilo que se manifesta no presente.

Em outras palavras, o que se ensaia na atualidade é um mundo sem catástrofe e, por isso, sem depressão. A ausência de catástrofe implica um ambiente com variações controladas. O refinamento sem precedentes do conhecimento científico na atualidade e o avanço tecnológico têm proporcionado ao humano crescente e cada vez mais intrincado domínio sobre as variações ambientais. Além disso, agentes nocivos – tanto micro como macro organismos – têm sido combatidos com instrumentos cada vez mais eficazes. Esse controle do humano sobre o ambiente tem sido acompanhado por contínuas revoluções agrícolas visando à crescente produção de alimentos, por exemplo, as mutações transgênicas. Dessa forma, a ameaça malthusiana expressa pela reprodução geométrica de elementos da espécie e pela reprodução aritmética dos recursos naturais necessários para a sobrevivência não tem sido valorizada. A abundância e a riqueza têm avançado sobre o planeta, com exceção da África, o continente até agora abandonado. Se compararmos a situação da Grécia Antiga, berço da civilização ocidental, com a atualmente existente, prontamente tomaremos consciência da crescente complexidade e eficiência da regulamentação das relações humanas visando evitar guerras, conflitos, brigas e assassinatos. A questão da segurança civil é, hoje, um dos mais relevantes assuntos ocupando os humanos e, muito provavelmente, ela deverá aumentar nos tempos vindouros (BERLINCK; FÉDIDA, 2000).

Para os autores, essas conquistas antidepressivas têm sido acompanhadas por crescente evitação de todos os símbolos relacionados com a morte e a presença do ausente. Dessa forma, o mais generalizado mecanismo é o pseudo-esquecimento da tradição e o desinteresse por aquilo que nos liga a nossa herança. Os mortos são rapidamente enterrados em cemitérios cada vez mais secretamente localizados no espaço urbano ou, então, são cremados. Quando o velório é inevitável, o morto é preparado como se ainda estivesse vivo, como acontece hoje nos grandes centros urbanos, e o ritual é sempre o mais abreviado possível. Ademais, cada vez com maior ânsia, as pessoas se ocupam com constelações de objetos internos e externos evitando, assim, o contato com a falta, o vazio, a ausência e a própria angústia. O ritmo cotidiano, incessante, deixa as pessoas muito parecidas com o coelho em Alice no País das Maravilhas, estimula intensa atividade pseudoprodutiva organizadora e ordenadora de um mundo ideal. Os antidepressivos, cada vez mais eficazes, à medida que não apresentam efeitos colaterais, vêm coroar esse mundo onde o humano procura se afastar, cada vez mais, da depressão.

Quando se propõe que o tratamento psicoterapêutico da depressão se refira a uma abordagem filosófica levando em consideração o modo de existência do sujeito, o que se pretende manter em perspectiva é um estilo que permita 1) o reconhecimento do estrangeiro enigmático na cadeia significativa e 2) um movimento psíquico, um ritmo psíquico regido pelo significante. Assim, o psicoterapeuta deve tratar a depressão do paciente na temporalidade das representações significantes traduzidas pela linguagem sem esquecer que “esse lugar e essa perspectiva, na contemporaneidade, não são nem hegemônicos nem desejados por aqueles que cultivam a produção e a eficácia” (BERLINCK; FÉDIDA, 2000, p. 22).

No texto 6, Tatossian (2012b) afirma que, embora o fenômeno depressivo se instale a partir de modificações biológicas e neurobiológicas do organismo, os seus sintomas não são mais que um reflexo filtrado de uma série de variáveis de ordem educativa, social e cultural, que são fatores determinantes da maneira pela qual o ser pode exprimir ou mesmo sentir o seu mal-estar.

Um segundo ponto de aproximação encontrado na leitura do material perpassa os conceitos da daseinsanálise de *temporalidade, corporeidade e espacialidade*. Em todos os textos utilizados, excluindo-se o texto 2, para os autores esses modos de *ser-no-mundo* do *Dasein* sofrem deformações, na medida em que não conseguem ser vividos em sua verdadeira expressão. No existente depressivo, a temporalidade parece se fixar, o tempo vivido não é o mesmo tempo cronológico: demora a passar. A corporeidade do depressivo não tem a expressão comum aos outros existentes, tanto nos gestos quanto no modo de falar. O depressivo se comporta como se seu lugar no mundo fosse muito restrito: fala baixo, senta-se na pontinha do sofá, tem gestos comedidos, o que acomete inclusive, sua espacialidade e seu modo de ser-com: dado que sua corporeidade se restringe, sua espacialidade também fica restrita: o eu assiste à sua tristeza, sendo incapaz de entrar em relação com ela. Tal incapacidade invade toda a ação, causando uma inibição vital e um vazio temporal. Assim sendo, perde-se a noção de movimento contínuo no vivido corporal e a experiência constante de peso não dá lugar à afetividade, que se aniquila ou se torna estrangeira para o sujeito. Esta incapacidade produz, no existente depressivo, a culpa. Porque é um ser muito propenso à ordenalidade e ao perfeccionismo, não consegue suportar todo esse peso. A culpa é um traço muito encontrado nos existentes depressivos, porque sua auto-exigência é imensa. Isto posto, apresenta-se as principais ideias contidas nos textos.

No texto 7, encontra-se a afirmação que é a perspectiva da psicopatologia daseinanalítica que dá alma e vida ao contato entre o terapeuta e o existente, pois não se trata de dar um enquadramento à descrição dos sintomas do paciente em um quadro nosológico para, a partir daí, escolher as ferramentas cabíveis à compreensão do processo. Compreender a doença de acordo com a psicopatologia daseinanalítica não é relegar o existente sofrido a um segundo plano, priorizando

os sintomas, nem desvalorizar ou supervalorizar o campo no qual está imerso o fenômeno descrito pela pessoa. É compreender a pessoa e a doença em uma só constituição, em movimento, a partir de sua corporalidade, do corpo vivido, que é, também, espacialidade e temporalidade. Não se pode fazer tal descrição do mundo vivido, a não ser no contato direto com a pessoa que o vive (LEITE; MOREIRA, 2009).

Ainda no texto 7, Tellenbach citado por Leite e Moreira (2009) descreve como "ordenalidade" o traço essencial do *typus melancholicus*. A aplicação, a escurpulosidade, a consciência do dever e a formalidade marcam a vida profissional, as tarefas diárias, as relações interpessoais e a relação consigo mesmo, do tipo melancólico.

Mas qual a diferença entre a ordem imposta por tal tipo a si mesmo e a do sujeito comum - todo aquele que vive sob a tirania de uma sociedade rigorosamente competitiva? Segundo Tellenbach (1999), a falta de flexibilidade, marcadamente presente nesse tipo, faz com que um traço de rigidez, um estar fixado, marque a atuação do tipo melancólico. Esse estar no mundo, relacionado à vida profissional, do tipo melancólico, é assim descrito:

[...] a exigência do próprio rendimento é, sem exceção, muito viva. O trabalho é sempre uma 'tarefa' que deve ser cumprida. Tem uma predileção pelo planejado, e sempre existe repulsão frente à improvisação. Realiza o planejado com a maior meticulosidade possível. As donas de casa esforçam-se pela limpeza mais escurpulosa; pode-se comer no chão. Toda atividade - importante ou insignificante - é executada com igual intensidade. (TELLENBACH, 1969 apud LEITE; MOREIRA, 2009, p. 251)

Compreende-se daí que, para o tipo melancólico, o sentido da própria existência está na tarefa, ou seja, a atividade assume valor existencial. A auto-exigência e o esforço sobre-humano são, portanto, constantes nesse tipo, cuja primorosidade impera nas tarefas. Pode-se compreender que tanta exigência e meticulosidade com que realiza uma tarefa comprometem o volume de trabalho realizado, sendo a relação inversa também verdadeira, o que faz com que tal tipo aumente mais ainda o caráter obsessivo de seu traço para que nem a quantidade de trabalho, nem a perfeição do resultado, sejam comprometidas. Tal esforço excessivo em prol do rendimento e a minuciosidade relacionada podem ser grandes fatores favorecedores para o desenvolvimento da depressão (LEITE; MOREIRA, 2009).

Outra característica apontada por Tellenbach (1999), diz respeito às relações inter-humanas. Segundo ele, tal aspecto é vivido pelo tipo melancólico de duas formas bastante evidentes: o "ser-para-o-outro e o ser-um-com-o-outro". Tais aspectos evidenciam uma existência em que o sentimento de amorosidade não é possível, ou não é o bastante, sendo sua importância para o outro

medida pelo grau de rendimento de tal relação, ou mesmo com uma ligação simbioticamente configurada que provoque a sensação da impossibilidade de ruptura, seja por separação ou por morte. Essas características, da esfera da convivência, são especialmente marcantes na relação com o cônjuge e com os filhos e geram significativos problemas, principalmente quando há a impossibilidade da realização do domínio, nas circunstâncias de adoecimento e de envelhecimento, ou na possibilidade de vivenciar a solidão. Como podemos observar, o caráter rigoroso, que marca a existência do tipo melancólico, é, também, aplicado às suas relações com os outros. Aliás, esse mesmo traço pode ser encontrado na forma como o existente lida consigo mesmo. A tal traço, deu o nome de escrupulosidade, afirmando que:

[...] o depressivo revela uma extraordinária sensibilidade da consciência moral, de tal modo que a mesma tem perante tudo uma função proibitiva. Está atento a evitar toda a culpa, por pequena que seja; e quando se vê carregado por alguma, esta é rapidamente anulada por uma conduta expiatória. (TELLENBACH, 1999 apud LEITE; MOREIRA, 2009, p. 252)

Segundo Leite e Moreira (2009), sentir-se sob a égide da culpabilidade é, portanto, o pior dos males para tal pessoa. Ela mesma é capaz de se impor as mais terríveis culpas, dada a particular intolerância consigo mesma, a presença de uma consciência moral muito rígida e o fato de, na maioria das vezes, se delegar tarefas cujo grau elevado de exigência pode levar ao seu não cumprimento.

Salienta-se que o *typus melancholicus* é muito perceptível na sociedade ocidental capitalista, uma vez que, se observam componentes de personalidade que concernentes a uma perspectiva ideológica que visa conservar um *status quo* (TELLENBACH, 1999). Nesse sentido, o mundo da ordenalidade em que vive mergulhado o tipo melancólico tem importância patogênica, pois predispõe a encapsular o indivíduo dentro de limites rígidos, dificilmente transcendidos. É assim, muitas vezes, que se apresenta o existente em depressão: preso em limites autoimpostos e restrito em sua corporalidade e espacialidade.

No texto 5, Tatossian (2012a) descreve que o fenômeno depressivo consiste em uma desaceleração e uma estagnação do tempo imanente do ser, sendo que este tempo não se encontra mais regido pelo primado do porvir e cujo vivido está perdido ou “barrado” e não comporta mais seu sincronismo com o tempo do mundo. Assim, a falta de primado do porvir despe o vivido temporal de sua essência de um vivido de poder de transformar o mundo pela ação e pelo si-mesmo, pela abertura do ser. Essa imobilização do tempo vivido tem por consequência a perda de categoria do possível e a incapacidade da ação verdadeira, ou seja, a ação vivida como desdobramento de si.

Em sua análise do espaço depressivo, o autor afirma que sua ação lhe parece estrangeira, desprovida de significado pessoal. Esta perda de comunicação vital que sustenta a “existência no vazio” do depressivo, funda uma eventual despersonalização e desrealização, na medida em que sua realidade vivida está perdida, enquanto sua realidade pensada é acentuada.

De acordo com o texto 7, a relação com o mundo também é contemplada por Tatossian (2001 apud LEITE; MOREIRA, 2009, p. 258), em sua descrição do vivido melancólico:

[...] a existência no vazio comporta a alteração da relação fundamental entre homem e mundo que permite o poder e o devir e funda, portanto, a possibilidade de todos os atos particulares. Na falta desta relação, o 'solo' onde se desenvolvem todos os atos cognitivos, volitivos e afetivos se esconde.

O texto 4 aponta que, também para Ellenberger (1977, p. 136-138), a temporalidade é percebida de um modo deformado pelo depressivo:

Uno de los principales síntomas de la depresión, desde el punto de vista fenomenológico, es la experiencia subjetiva de que el tiempo fluye desesperadamente despacio, de que se estanca y hasta de que se detiene [...] el depresivo encuentra el futuro inaccesible y 'bloqueado', lo cual constituye una de las peores torturas de estos enfermos.

O mesmo autor coloca que o que se convencionou chamar de “sentido da vida” não se pode compreender independentemente do sentimento subjetivo do tempo vivido. As deformações da sensação do tempo repercutem certamente nas deformações do sentido da vida: quando o futuro se esvazia de seu conteúdo, a vida se torna um perpétuo jogo de azar; quando o futuro se mostra inacessível ou bloqueado, a esperança desaparece inevitavelmente e a vida perde todo seu sentido. O depressivo tem consciência do tempo do mundo, o tempo dos relógios. Mas seu tempo pessoal, que se deveria incorporar ao tempo social, histórico e cósmico, não o conseguindo, flui muito mais lentamente que o tempo do mundo.

Assim, de acordo com o texto 2, faz-se pertinente concluir essa discussão com as considerações de Martin Heidegger sobre a disposição.

É através da disposição (os estados de humor) que o *Dasein* cuida do existir. Conforme afirma Critelli (2016): o estado de ânimo sempre evidencia a forma pela qual, em seu ser-no-mundo, os existentes são tocados ou afetados pelas coisas e/ou pelos outros que aí nesse mundo estão. A compreensão sempre transcorre num estado de ânimo. A presença do homem no-mundo é sempre emocionada. Os estados de ânimo mostram como o mundo afeta alguém, e como esse

alguém se coloca ou se percebe nesse mundo.

Humores não são estados psíquicos ou sentimentos. Segundo Heidegger (2014) o humor viabiliza o ser-no-mundo, é ele quem descobre o ser e que pode conduzir este ser para uma escolha singular. É pelos humores que os homens se tornam conscientes do mundo ou dos entes como um todo, um reino aberto no qual pode encontrar outras pessoas e coisas. Somente estando em um humor é que se pode ser “afetado”, tocado por algo, é que se pode se interessar por algo. Somente estando em um humor faz-se possível ser afetado de certos modos. Ao contrário dos afetos e sentimentos que torna possíveis, o humor não é um mero acompanhamento do ser-no-mundo. O humor descobre o mundo, revela o ser-lançado no mundo, e o capacita a responder aos entes dentro do mundo (INWOOD, 1999).

O *Dasein* não está lançado e aberto ao mundo aleatoriamente. O *Dasein* se abre ao mundo por meio da disposição, ou seja, da forma que é onticamente conhecida como o humor, os estados de humor. A disposição é o estado em que o ser se encontra, é o modo de ser-em com que sente, com que se dispõe ao mundo. Salienta Heidegger (1993 apud SODELLI; TEODORO, 2011, p.252) “na disposição subsiste existencialmente um liame de abertura com o mundo, a partir do qual algo que toca pode vir ao encontro”. Tudo que chega ao homem o faz por intermédio dos estados de humor. Portanto, a compreensão do homem em relação às coisas é sempre emocionada.

Heidegger (2014) alerta que não se pode confundir a abertura do ser-no-mundo no humor com o que o *Dasein* conhece, sabe e acredita sobre si mesmo. A abertura da disposição (os estados de humor) possibilita e desenvolve o que o *Dasein* representa, por meio da emoção e afeto, sem que necessariamente tenha um movimento de consciência. A maioria das pessoas apresenta a compreensão dos estados de humor por meio do velamento, ou seja, daquilo que ainda não foi intelectualmente compreendido.

Desse modo, o existente depressivo, na perspectiva da *daseinsanálise*, deve ser compreendido como um ser em relação, impactando e sendo impactado pelo meio, ideologia e cultura em que está lançado. As considerações dos autores destacados nos textos analisados explicitam que existem várias maneiras de ser deprimido, mas que as diversidades dessas maneiras não devem esconder sua unidade profunda. Trata-se de aprender, à luz desses pensamentos, a se colocar diante de cada ser deprimido e elaborar as questões precisas para que se possa compreender onde ele está com seu corpo, seu tempo, seu espaço e com o outro.

4 Considerações finais

Ao final da pesquisa, foi possível perceber que o estudo do fenômeno depressivo pode ser um grande desafio, principalmente se o considerarmos a partir de um posicionamento crítico que priorize a noção do existente mutuamente constituído com o mundo, indo além da visão da ciência tradicional. Assim, compreender o fenômeno depressivo do ponto de vista da psicopatologia daseinsanalítica revelou aspectos voltados à superação do modelo tradicional em psicopatologia, propondo um enfoque que priorize a ruptura com o paradigma da dualidade, e que não conceba o homem como um organismo puramente biológico, mas imbricado em sua história e sua cultura.

A relação original entre o existente e o mundo não é um fato estático, mas um movimento constante do ser-no-mundo, que engloba corporeidade, espacialidade e temporalidade. Nessa visão, a situação é sempre situação vivida e o tipo uma potencialidade específica. Consiste em uma visão impregnada de historicidade e intersubjetividade, na qual as dimensões cultural, endógena e situacional se encontram entrelaçadas. A proposição da daseinsanálise para a concepção de homem transcende seu caráter biológico e considera as diferentes manifestações culturais no aparecimento dos sintomas. Vai além da manifestação puramente patológica, quando destaca seu eixo existencial. Esta perspectiva amplia a compreensão do fenômeno depressivo quando o concebe como uma manifestação de estar-no-mundo.

Ao considerarmos a maneira de ser da pessoa que desvela o fenômeno depressivo à luz do referencial da daseinsanálise, os textos que abordam a temática explicitam as particularidades essenciais do ser humano de modo amplo. O homem não vive isolado do mundo e das pessoas; precisa deste contato para que possa internalizar como se mostra. Além disso, desvela-se como alguém que possui a liberdade de escolha diante do que se deseja ser, tendo maior ou menor consciência de sua responsabilidade em relação aos rumos de sua existência.

Porém, ainda que o ser permaneça velado, ou seja, voltado ao exterior, sua essência, originalmente dada, mantém-se à espera para que se desvele. Questionar o modo de ser da pessoa, para a qual o fenômeno depressivo se desvela, é lançar um olhar em direção à maneira como esta pessoa constrói seu mundo de relações.

Percebe-se que atualmente as pessoas se encontram numa linha tênue entre a necessidade de estarem submersas no mundo no qual a competição e a pressa de realização se fazem presentes, delinea um vazio existencial. A realização de indagações, reflexões e buscas por intercorrências em seu modo de existir, para que outros trajetos sejam desvelados, é sempre preterida dado que, na sociedade atual, falta tempo para a abstração e o mergulho no seu si-mesmo. Em vista dessas questões, o ser se encapsula e suas relações se fazem superficialmente. O ser-no-mundo-com-os-

outros não se faz possível, em toda a sua potencialidade.

Uma vez que o ser se abre para o mundo, toma consciência de sua responsabilidade sobre como o mundo está configurado para si, arriscando-se a escolher e a responsabilizar-se por estas escolhas que são suas. Afinal, é o próprio ser que constrói e mantém a sua maneira de ser.

Com base no exposto, explicita-se, assim, a relevância de espaços de escuta e reflexão para que o sujeito possa vivenciar suas experiências ao relatá-las ao profissional daseinsanalítico, tomando consciência delas e conseguindo fazer suas próprias escolhas. Afinal, vivendo suas potencialidades em plenitude. Assim, faz-se relevante conceber um espaço que, além da escuta, proporcione aos sujeitos uma troca de experiências e vivências, para que se possa dar origem a uma tentativa de psicoprofilaxia do fenômeno depressivo, espaço que leve à reflexão do *ser*, em contrapartida ao movimento do *ter*, presente na contemporaneidade, como modo de evitar ou diminuir as intercorrências e o sofrimento que o transtorno causa. Além disso, evidencia-se a necessidade de mais estudos que enfoquem o fenômeno depressivo a partir da perspectiva da daseinsanálise, por se tratar de uma abordagem com material escasso para estudo e de difícil acesso, mas que propõe um paradigma existencial para a compreensão dos fenômenos psicopatológicos.

Referências

BERLINCK, M. T.; FÉDIDA, P. A Clínica da Depressão: questões atuais. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. v. 3, n. 2, p. 9-25, 2000.

BUCHER, R. Fenomenologia da Relação Psicoterápica. In: BUCHER, R. **A Psicoterapia pela Fala**: fundamentos, princípios, questionamentos. 2. São Paulo: EPU, 1989, p. 27-42.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CARVALHO, F. M. **A Compreensão do Fenômeno Obsessivo-Compulsivo à Luz da Psicologia Fenomenológico-Existencial**. 2011. 44 p. Monografia (Graduação). Curso de Bacharel e Formação em Psicologia, Unifae, São João da Boa Vista, 2011.

CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido**: Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: Brasiliense, 2. ed., 2016.

DSM-5. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5. Trad. Maria Inês Corrêa Nascimento. et al.; - 5.ed.. Porto Alegre: Artmed, 2014, p. 87-89.

ELLENBERGER, H. F. Introduccion Clínica a La Fenomenologia Psiquiátrica y al Análisis Existencial. In: MAY, R.; ANGEL, E.; ELLENBERGER, H. F. **Existência**: nueva dimensión em psiquiatria e psicologia 3. Madrid: Gredos, 1977, p. 123-160.

FEIJOO, A. M. L. C. A clínica Daseinsanalítica: considerações preliminares. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 30-36, jun. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 dez. 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GIOVANETTI, J. P. **O Existir Humano na Obra de Ludwig Binswanger**. Belo Horizonte: PUC-MG, 1989. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/viewFile/1734/2061>>. Acesso em: 25 ago. 2012.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 10.ed. V.2. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

HOLANDA, A. Gênese e Histórico da Psicopatologia Fenomenológica. In: ANGERAMI, W.A. (Org.). **Psicoterapia e Brasilidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2014. p. 115-160.

INWOOD, M. **Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LEITE, E.; MOREIRA, V. A. Contribuição de Tellenbach e Tatossian para uma Compreensão Fenomenológica da Depressão. **Revista Arquivos Brasileiros**, v. 61, n. 30, p. 43-56, 2009.

JASPERS, K. **Psicopatologia Geral**. v. 2. Rio de Janeiro: Atheneu, 1979.

LOPARIC, Z. Além do Inconsciente: sobre a desconstrução heideggeriana da psicanálise. **Natureza Humana**, v. 3, n. 1, p. 91-140, 2001. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302001000100004&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1517-2430. Acesso em: 12.07.2012.

MATTAR, C. M.; SÁ, R. N. O sentido de “Análise” e “Analítica” no Pensamento de Heidegger e suas Implicações para a Psicoterapia. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, n. 2, p. 191-203, 2008.

MELO, A. K. S.; MOREIRA, V. Fenomenologia da Queixa Depressiva em Adolescentes: um estudo crítico-cultural. **Revista Aletheia**, n. 27, p. 51-64, 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942008000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 jul. 2012.

PEREIRA, M. E. C. Minkowski ou a Psicopatologia como Psicologia dos Pathos Humano. Formulando uma Psicopatologia Fundamental. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**, v. 1, n. 1, p. 60-70, 1998.

PEREIRA, M. E. C. Minkowski ou a Psicopatologia como Psicologia dos Pathos Humano. **Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental**, v. 3, n. 4, p. 23-35, 2000.

RODRIGUES, A.C.T. Karl Jaspers e a Abordagem Fenomenológica em Psicopatologia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 8, n. 4, p. 754-768, 2005.

SÁ, R. N. A Analítica Heideggeriana da Existência em "Ser e Tempo". In: **V Jornada do IFEN**, [S.l., s.d.]. Disponível em: <http://www.ifen.com.br/jornada/robertoanalitica_heideggeriana.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2012.

SAPIENZA, B. T. **Do Desabrigo à Confiança**. São Paulo: Escuta, 2013.

SCLIAR, M. (2003). **Saturno nos Trópicos**: a melancolia européia chega no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras.

SIQUEIRA, M. M. M.; JESUS, S. N.; OLIVEIRA, V. B. (Orgs). **Psicologia da Saúde**: Teoria e Pesquisa. São Bernardo do Campo: Editora Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

SODELLI, M.; TEODORO, A. S. Visitando os "Seminários de Zollikon": novos fundamentos para a psicoterapia fenomenológica. **Psicologia em Revista**, v. 20, n. 2, p. 245-272, 2011.

TATOSSIAN, A. Fenomenologia da Depressão. In: TATOSSIAN, A; MOREIRA, V. **Clínica do Lebenswelt**: psicoterapia e psicopatologia fenomenológica 1. São Paulo: Escuta, 2012a. p. 29-44.

TATOSSIAN, A. Depressão, Vivido Depressivo e Orientação Terapêutica. In: TATOSSIAN, A.; MOREIRA, V. **Clínica do Lebenswelt**: psicoterapia e psicopatologia fenomenológica 6. São Paulo: Escuta, 2012b. p. 109-129.

TELLENBACH, H. A endogenidade como origem da melancolia e do tipo melancólico. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 164-175, Dez. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47141999000400164&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 Dez. 2019.

TENÓRIO, C. M. D. A Psicopatologia e o Diagnóstico numa Abordagem Fenomenológica-Existencial. **Revista Universitas Ciências da Saúde**, v. 1, n. 1, p. 31-44, 2003.